



## Entre a prostituta e a santa: a composição da trajetória feminina no *Ragionamento* de Pietro Aretino (1534)

Between the prostitute and the saint: the composition of the female trajectory in the *Ragionamento* by Pietro Aretino (1534)

Alloma Modzelewski<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo analisar a composição da trajetória feminina na obra *Ragionamento della Nanna e della Antonia* de autoria do escritor italiano Pietro Aretino, publicada no ano de 1534. O enredo se passa em Roma e conta com o diálogo entre duas prostitutas. Nanna, a protagonista, compartilha com Antonia suas aventuras enquanto foi freira, esposa e prostituta para decidirem qual dentre essas possibilidades seria o caminho ideal para a filha de Nanna. Por Aretino abordar três modelos distintos e definidos do feminino, esse trabalho se deterá em observar essa trajetória a partir da construção cristã de Eva, Virgem Maria e Maria Madalena, buscando observar as divergências e aproximações que o autor faz entre suas personagens e as representações femininas bíblicas.

**Palavras-chave:** Renascimento; Bíblia; Religião; Feminino; Literatura; Pietro Aretino;

**Abstract:** This article aims to analyze the composition of the female trajectory in the work *Ragionamento della Nanna and della Antonia* by the Italian writer Pietro Aretino, published in the year 1534. The plot takes place in Rome and has a dialogue between two prostitutes. Nanna, the protagonist, shares with Antonia her adventures as a nun, wife and prostitute to decide which of these possibilities would be the ideal path for Nanna's daughter. Because Aretino approaches three distinct and defined models of the feminine, this work will focus on observing this trajectory based on the Christian construction of Eva, Virgin Mary and Mary Magdalene, seeking to observe the divergences and similarities that the author makes between his characters and the female biblical representations.

**Keywords:** Renaissance; Bible; Religion; Feminine; Literature; Pietro Aretino;

### Introdução

No século IV, no primeiro Concílio Ecumênico de Niceia, em meio a diferentes discussões, a Igreja buscava ordenar seus próprios dogmas a fim de orientar a conduta dos fiéis. As premissas que formularam tal ação foram respaldadas pelos chamados

---

<sup>1</sup> Graduada em História pela Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Campus Chapecó - SC. Mestre em História pela Universidade Federal do Paraná. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Pais da Igreja. Tertuliano, Cipriano, Ambrósio, Jerônimo e Agostinho, elaboraram concepções que se tornaram oficiais sobre a sexualidade, sobretudo, quanto elegeram as mulheres como seres carnis e sexuais por natureza (SALISBURY, 1995, p. 43). A exortação para seguir Maria aconteceu justamente no Concílio de Niceia, essa, entre outras disposições afetaram a imagem do feminino, baseados em diferentes padrões contidos em textos bíblicos e apócrifos. São numerosas as narrativas que menosprezam o feminino, como os pseudoepigráficos Livro de Jubileus (105? a.C.) e o Livro de Enoque (200? a.C.) – que segundo Howard Bloch “[...] associam a mulher ao adorno, luxúria, sedução, fornicção e prostituição” (BLOCH, 1995, p. 96). Séculos mais tarde, Tertuliano (160/220 d.C.) também assume uma posição parecida ao falar sobre a aparência das mulheres em *De cultu feminarum*. Já no século XIII, em *Lamentations de Mahieu* (1290), o texto toma a mulher como “[...] briguenta, curiosa, desobediente, invejosa, ávida, luxuriosa, cúpida, hipócrita, supersticiosa, indiscreta e cruel” (DELUMEAU, 2009, p. 508).

São textos que tem em comum desprezo ao feminino, apresentando uma reação contrária às mulheres. No primeiro livro de *Timóteo* (2:11-14), essa aversão ao feminino é vista através de uma ideia de submissão compulsória:

Durante a instrução a mulher conserve o silêncio, com toda a submissão. Não permito que a mulher ensine, ou domine o homem. Que conserve, pois, o silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão (BÍBLIA, 2002, p. 2070).

Desde Eva, a perpetuação dessa imagem contribuiu para reforçar uma submissão feminina que aparecia em outros teóricos para além do cristianismo. Essa figuração se estendeu para o que Simone de Beauvoir (1970) chamou de “segundo sexo”, influências pré-cristãs que se consolidaram em uma ética sexual.

Assim, a imagem da mulher se consolidou como a pecadora, portanto, desprezível. Inúmeros foram os adjetivos outorgados ao feminino que se solidificaram no imaginário cultural inspirando a escrita hagiográfica, penitencial, literária ao longo do tempo. A latente multiplicidade de leituras do feminino evoca uma dimensão do discurso construído por séculos, um discurso pautado na intersecção entre a Igreja e a cultura popular, que serviu para propagar uma narrativa que tinha a mulher como o ente do mal. Mas, desse emaranhado de modelos distintos de mulheres, se destaca aquela que surge nas primeiras páginas do *Antigo Testamento* (2002, p. 33-39). Foi Eva quem provocou a expulsão do paraíso, é

sobretudo ela quem carrega a marca do pecado original e, nesse caminho, a única que traria a remissão surge como a mãe do filho de Deus. Assim, a representatividade das mulheres foi praticamente impossibilitada ao se configurar um paradigma, onde a escolha se dava entre Eva, o mal exemplo, ou a Virgem Maria, a referência de perfeição inalcançável.

Dessa maneira, tendo como inspiração essas categorias, Pietro Aretino, em meados do século XVI, contribuiu para a propagação e construção desse imaginário sobre o feminino. Aretino pôs na figura de Nanna, sua protagonista, um sentido próprio para os padrões da freira, da prostituta e da esposa. Em sua obra *Ragionamento della Nanna e della Antonia*, de 1534, Aretino escancara a vida sexual de suas personagens. O texto contém três jornadas, onde Nanna relata suas experiências e de outrem a Antonia, sua interlocutora. Na primeira, Nanna conta sua vida quando esteve no convento. Na segunda, sua experiência é dita a partir do lugar de esposa. E na terceira e última jornada, Nanna compartilha com Antonia histórias de quando começou na prostituição.

As personagens femininas são apresentadas nessas três jornadas, de forma distinta pelos papéis contraditórios em que são postas, mas unidas pela vida sexual ativa. O escritor é conhecido por ter uma narrativa satírica, que para alguns autores é definido como misógina<sup>2</sup>. Por isso, a discussão que esse artigo visa abordar é a relação ambígua de Aretino, que, ao mesmo tempo demonstra um tratamento misógino, mas também, questiona a sexualidade de suas personagens em relação a suas funções sociais. Assim, observa-se como a protagonista parece estar em uma trajetória à sombra de Eva, Virgem Maria e Maria Madalena.

### **A inserção do feminino**

Em 1995, a historiadora Margareth Rago era uma das vozes que apontava sobre a recente inclusão – no Brasil a partir dos anos 70 – das mulheres no campo historiográfico, juntamente com o “[...] alargamento do próprio discurso historiográfico, até então estritamente estruturado para pensar o sujeito universal, ou ainda, as ações individuais e as práticas coletivas marcadamente masculinas” (RAGO, 1995, p. 81). A concepção do indivíduo masculino como único produtor da História é

---

<sup>2</sup> Existe uma vasta literatura sobre a temática e diferentes autores concluem que Aretino se encaixa nessa tradução misógina, entre eles a historiadora da arte Bette Talvacchia (1999) e a professora e historiadora Ana Paula Vosne Martins (2004).

revisitada, a academia amplia temáticas e insere diferentes agentes, no entanto, Leticia Ferreira ressalta a importância de uma análise conjunta, e sintetiza:

Não é possível compreender a história das mulheres excluindo ou negando a importância de uma historiografia que por tanto tempo valorizou os espaços dominados pelos homens. Portanto, a perspectiva de gênero não exclui a história política, a história econômica ou qualquer outra forma de reflexão historiográfica, mas reavalia o papel do feminino nos contextos propostos (FERRREIRA, 2012, p. 36).

Mas, como afirma Rago (1995, p.86), não é simplesmente encaixar as mulheres em uma narrativa ampla e consolidada, fazendo dessa uma categoria puramente essencialista. Nesse sentido, Rago (1995, p. 88) demonstra a importância dos estudos feministas, principalmente ao propor o deslocamento das pesquisas do objeto “mulher”, para privilegiar pesquisas acerca da categoria “gênero”. Sendo assim:

Trata-se novamente de investir, ou antes, de propor a desconstrução da generalização “mulheres”, que remete a uma entidade social branca e de classe média, para considerar as multiplicidades, e, sobretudo, para se pensar as diferenças sexuais enquanto construções sociais e culturais (RAGO, 1995, p. 88)

Judith Butler e Paul B. Preciado aparecem como referenciais consistentes quando se trata dessa abordagem. Preciado, ao definir a categoria de gênero, o pensa como um “[...] instrumento teórico fundamental para conceitualizar a construção social, a fabricação histórica e cultural da diferença sexual [...]” (PRECIADO, 2011, p. 13). Já Butler problematiza a construção da diferença entre sexo e gênero ao procurar desnaturalizar as dimensões que essas categorias alcançaram. Para ela, “[...] o gênero não denota um ser substantivo, mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes (BUTLER, 2003, p. 29). Por isso, a construção cultural tem grande influência no que Aretino fez com suas personagens, as mulheres apresentadas na obra são mais do que a sombra de seu tempo, estando atreladas a um conjunto de rastros, incidências de um passado no presente. Assim, “A rememoração também significa uma atenção precisa ao presente, em particular a estas estranhas ressurgências do passado no presente, pois não se trata somente de não se esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente” (GAGNEBIN, 2006, p. 55). Por isso, as categorias “mulher” e “gênero” são a ponta do fio que nos liga aos rastros deixados por Aretino em sua obra, elas são o presente e Aretino é a insurgência do passado.

No entanto, esses rastros do passado marcam na obra de Aretino um passado ainda mais longínquo, e ao mesmo tempo tão perceptível à realidade do autor. É no catolicismo, que no Renascimento ainda possui uma presença relevante, que observamos uma inspiração. A começar pela subserviência feminina que, de modo geral, é balizada pela diferença biológica, justificando as estratégias de controle da conduta e do corpo feminino feitas pela Igreja Católica. De acordo com Bloch (1995, p. 91), as mulheres são ascandidatas especiais à salvação, pois os homens, por estarem ao lado do espírito, galgam menos pela sua remissão. Isso porque “[...] a posição religiosa que considera o corpo como parte contrária da alma, elemento fraco que pode inclusive pôr em risco a salvação espiritual” (PILOSU, 1995, p. 131). O ensinamento é que as mulheres são o elo suscetível ao pecado, sendo preciso um esforço maior por parte delas pois, “[...] não só é a mulher que é salva mais santamente do que seu congênere masculino, mas também é uma mulher que carrega a possibilidade da salvação” (BLOCH, 1995, p. 91). Diante desse panorama, é curioso como o gênero aparece em meio a um sistema que se justifica ao propor essa dicotomia. O corpo traz a medida que divide homens e mulheres:

Da criação dos corpos nasce, portanto, a desigualdade original da mulher. Uma parte da teologia medieval segue o passo de Agostinho, que faz remontar a submissão da mulher antes da Queda. O ser humano é, portanto, cindido: a parte superior (a razão e o espírito) está do lado masculino, a parte inferior (o corpo, a carne), do lado feminino (LE GOFF; TRUONG, 2006, p. 53).

Essa concepção prevaleceu por corroborar com um discurso que procurava ter controle sobre o corpo feminino. Um discurso sobretudo masculino, marcado profundamente pela questão binária de forma hierárquica (CONWAY; BOURQUE; SCOTT, 2013, p. 32). Vemos essa suposição hierárquica se multiplicando através de leituras feitas dos textos bíblicos e filosóficos, fixando a afirmação da submissão do corpo feminino ao conferi-lodeformidades e imperfeições. Esse parâmetro pode ser resumido com o que disse Thomas Laqueur ao apresentar o discurso médico do século XVI:

[...] se o útero e seus apêndices são observados, ele corresponde em todos os seus aspectos ao membro masculino, exceto que o último é exterior e o primeiro interior. Ou como o cirurgião-chefe de Henry VIII diz prosaicamente, “a semelhança disto [a matriz] é como se fosse um pênis virado do avesso”. Ainda no século XVI havia, como na antiguidade clássica, um único corpo canônico e era o do homem (LAQUEUR, 1994, p. 121-122, tradução nossa).

Assim, a vagina da mulher, e toda sua complexidade, tornou-se objeto de contestação, homens que detinham o poder médico, religioso e intelectual usaram da força de sua palavra para investir contra o corpo feminino. Esse problema corresponde ao momento vivido no século XVI, uma vez que “[...] as representações anatômicas masculinas e femininas dependem das políticas culturais de representação e ilusão, não de testes em órgãos, canais ou vasos sanguíneos” (LAQUEUR, 1994, p. 127, tradução nossa). Apesar do evidente progresso médico, a estranha qualidade dos desenhos anatômicos renascentistas, de acordo com Laqueur (1994, p. 155), demonstrava o quanto da anatomia feminina era fruto de convicções próprias, ou seja, havia um esforço em transformar, erroneamente, o corpo feminino em uma caricatura do corpo masculino, a fim de torná-lo submisso. Esse aspecto produz um silenciamento que se torna inerente à mulher. Para Michelle Perrot,

No início era o Verbo, mas o Verbo era Deus, e Homem. O silêncio é comum das mulheres. Ele convém à sua posição subordinada e secundária. Ele cai bem em seus rostos, levemente sorridentes, não deformadas pela impertinência do riso barulhento e viril. Bocas fechadas, lábios cerrados, pálpebras baixas, as mulheres só podem chorar, deixar as lágrimas correrem como a água de uma inesgotável dor [...]. O silêncio é um mandamento reiterado através dos séculos pelas religiões, pelos sistemas políticos e pelos manuais de comportamento (PERROT, 2005, p.9).

O feminino é posto de lado, minimizado pelas diferentes condutas impostas, a princípio, por uma Igreja soberana no período medieval. De maneira geral, esse comportamento perante a figura da mulher se mostrou uma forma de opor masculino e feminino, a fim de proteger um ideal de homem. O posicionamento defensivo se agrava, de certa maneira, pelo medo que a mulher provocava nos textos medievais. Relação essa exemplificada quando Delumeau (2009) apresenta um capítulo sobre o medo da mulher no seu, já clássico, *História do Medo no Ocidente*. De acordo com Delumeau, “A atitude masculina em relação ao ‘segundo sexo’ sempre foi contraditória, oscilando da atração à repulsão, da admiração à hostilidade” (DELUMEAU, 2009, p. 462). Muito mais do que o simples temor, esse medo suprime, sufoca a existência feminina, transforma-a em um objeto de desfrute, não só de seu corpo como de toda sua potencialidade. Jeffrey Richards exemplifica esse fato:

A esposa não poderia reivindicar seu corpo como de sua propriedade; este pertencia ao marido e vice-versa. Santo Alberto Magno o dominicano, argumentou que, se um marido reconhece um desejo sexual da parte de sua parceria, deveria agir para satisfazê-lo, mesmo que isso não lhe tivesse sido pedido [...]. Ficava claro também que os corpos das pessoas não lhes pertenciam para que fossem usados

com qualquer outra pessoa conforme desejassem, mas que pertenciam a seus parceiros (RICHARDS, 1993, p. 36).

Assim, forjadas pelo medo, as reações contra o feminino permearam diferentes esferas e instituições, sendo a partir delas que o desprezo à mulher tomou forma. Essa validação surge por meio da construção social feita da representação do feminino, a começar por Eva. Criada por Deus e apropriada pela Igreja, serviu de exemplo para outras obras que apresentam a mulher como um ser danoso, justificando o mal por meio dela.

### **Eva é que era mulher de verdade**

Na obra *Ragionamento della Nanna e della Antonia*, vemos três fases de uma mesma mulher, o caráter mutável com que a personagem é narrada nos mostra percepções diferentes sobre o desregramento sexual em cada fase da personagem. Talvez essa seria a representação da mulher desejada por Aretino. Nanna possui uma tendência autônoma, é ela que toma a pena do autor e direciona a sua própria vida, isso se torna mais visível ao final da obra, onde é constantemente confrontada pela sua interlocutora Antonia, que declara: “Mentirosa, não; mas pouco escrupulosa ao inventar; creio que você despreza as freiras e as casadas por outros motivos. Basta que eu concorde que, entre elas, há mais biscoas do que deveria, mas não defendo as putas” (ARETINO, 2006, p. 140). Antonia apresenta uma posição que concorda com um discurso enraizado, no que diz respeito ao que se teria por uma má conduta para as mulheres do período.

Nanna se manteve entregue aos prazeres da carne. No entanto, quando fora do espaço sagrado e também, não mais estando em matrimônio, sua postura coincidia com o ambiente em que estava: o da prostituição. Não foi perseguida e condenada, foi aceita e inserida na sociedade construída por Aretino. Antonia, em alguns momentos da obra, apresenta uma posição um tanto conservadora, só que de forma alguma ela representa a voz da razão, ela seria como uma voz da consciência. Como no momento em que se posiciona com relação a prostituição da filha de Nanna: “É tão bom satisfazer os menores caprichos próprios dando prazer a todos! Roma sempre foi e sempre será... não vou dizer das putas, com medo de ter que ir me confessar” (ARETINO, 2006, p. 140). Antonia toma o partido da pecadora, como

aquela que ciente das circunstâncias sabe exatamente o que está fazendo, sobretudo pelas consequências esperadas.

Esse manejo da postura feminina nos textos de Aretino possui um emaranhado confuso e complexo de correspondências anteriores ao escritor. De maneira geral, segundo Letícia Ferreira (2012, p. 51), os escritos medievais que trataram do feminino tinham o intuito de, mesmo que nas entrelinhas, comunicar sobre os modos de conduta que eram considerados adequados a elas, para também prevenir as atitudes que levariam aos pecados. Considerar essa postura mostra que as mulheres eram tratadas como um ser inconsequente; que para sua própria segurança necessitariam de um guia, para impedi-las de agir como Eva, a primeira mulher e a primeira pecadora. Essa justificativa acompanhou as ações para com a mulher entre os cristãos, sempre comparada à esposa de Adão, criada e submetida ao homem. Diante disso, Delumeau sintetiza a perversidade que toma a mulher como seu receptáculo:

Mal magnífico, prazer funesto, venenosa e enganadora, a mulher foi acusada pelo outro sexo de ter introduzido na terra o pecado, a desgraça e a morte. Pandora grega ou Eva judaica, ela cometeu a falta original ao abrir a urna que continha todos os males ou ao comer o fruto proibido. O homem procurou uma responsável para o sofrimento, para o malogro, para o desaparecimento do paraíso terrestre, e encontrou a mulher (DELUMEAU, 2009, p. 468).

Para livrar esse fardo de seus semelhantes, o homem delegou a culpa dos problemas da humanidade a mulher. Dessa maneira, o mal é o feminino, como no relato da vida de Santo Antônio, redigido no século IV, onde o diabo se transforma em mulher para tenta-lo (PILOSU, 1995, p. 32). Também, quando ela própria causa a tentação, no *Eclesiastes* (7, 27) a advertência é clara: “E descobri que a mulher é mais amarga do que a morte, pois ela é armadilha, seu coração é rede e seus braços, cadeias” (BÍBLIA, 2002, p. 1079). Sendo assim, os pequenos troços da humanidade foram outorgados as descendentes daquela que não ouviu, que desobedeceu. Desde então todas são Eva, “[...] portanto, o perigo. Não por ser limitada, crédula, em primeiro lugar. Mas porque, como a companheira de Adão, a mulher incita os homens a gozar oferecendo-lhes o fruto proibido” (DUBY, 2001, p. 108). A culpa estava posta na mordida naquela suposta maçã, uma culpa concedida ao feminino uma vez que: “A singularidade do cristianismo tem a ver ao mesmo tempo, como vimos, com uma sexização da carne como feminina, uma estetização da feminilidade e uma teologização da estética [...]” (BLOCH, 1995, p. 112).



Assim, as diferentes expressões das mulheres apresentadas por Aretino parecem emergir de Eva que, criada na mais completa pureza, passa pela punição do seu pecado e encontra na maternidade um lugar de remissão do seu erro. Talvez o caminho de Nanna se confunda com o de Eva, mas é preciso explorar como a figura da primeira mulher foi construída ao longo dos séculos. O próprio ato precede a penitência, a marca está no pecado original, que na expulsão do paraíso estendeu o castigo para toda a humanidade, gerando certo recalque por séculos de dificuldades e privações sofridas pelos inúmeros servos do Senhor.

No princípio, Eva e Adão foram criados por Deus como todas as criaturas terrenas. Contudo, há um desacordo com relação a descrição da criação do ser humano por Deus, a narrativa sobre a origem da esposa de Adão por meio de sua costela não seria a única. Regina Célia dos Santos Neto identificou que esses relatos se dividem em duas tradições.

[...]o Gênesis fornece duas narrativas diferentes, não só no vocabulário, mas no conteúdo. A primeira (Gen.1,26-29), a mais recente, tirada da chamada tradição sacerdotal (VII-VI a.C.) mostra Deus decidindo fazer o “homem a nossa imagem e semelhança” e criado “o homem a sua imagem, à imagem de Deus ele o criou; e os criou homem e mulher”. A segunda narrativa (Gen. 2,7-25), a mais antiga (X-IX a.C.), proveniente da fonte *javista*, reconta o episódio da criação da mulher a partir da costela que Deus tirou de Adão adormecido (SANTOS NETO, 2007, p.63).

A existência de dois relatos discordantes, conclui Santos Neto (2007, p.63), indica que a Bíblia foi criada a partir de escritos independentes que foram compilados e agrupados posteriormente no período medieval. Essa discrepância produz um caminho divergente da narrativa mais difundida sobre a criação. O relato mais antigo, como vimos, faz menção a uma criação igualitária, ambos moldados ao mesmo tempo à “imagem e semelhança do Pai”, uma imagem que, segundo Bloch (1995, p. 92), não pode ser sexizada. Essa imagem assinala uma visão igualitária, semelhante ao texto de *Gálatas* (3, 28): “Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vós sois um só em Cristo Jesus” (BÍBLIA, 2002, p. 2035). Já no relato mais recente, há uma subserviência tanto literal como metafórica, pois, no princípio Deus faz o homem da terra e do mesmo solo faz os animais para acompanhá-lo no Paraíso, no entanto, no *Gênesis* (2, 20-23), entre eles o homem “[...] não encontrou a auxiliar que lhe correspondesse” (BÍBLIA, 2002, p. 36). Por isso, Deus, enquanto o homem dormia, tirou-lhe uma costela e criou a mulher. Quando Adão despertou vendo sua companheira bradou: “Esta, sim, é osso de meus ossos e

carne de minha carne!” (BÍBLIA, 2002, p. 37). Quando esse relato é tomado como único e verdadeiro, consente-se com a ideia de que a mulher é um ser incompleto, frente aquele criado em totalidade por Deus.

Mesmo com narrativas conflitantes a respeito da criação, a consolidação da fama de Eva se dá no momento do seu ato transgressor, foi nesse momento que toda a raça humana foi condenada. Essa capacidade destrutivaimputada a mulheré tomada por alguns autores a partir da vulnerabilidade do instante em que Eva pecou. Para Georges Duby (2001), em seu livro *Eva e os Padres*, existem diferentes leituras sobre o fato, como a desdobrada por Santo Agostinho, que atribuiu a Eva o pecado do orgulho. Segundo Duby (2001, p.54), Santo Agostinho viu para além da desobediência, para ele, Eva cobiçou ser mais do que o próprio Senhor. Essa postura seria mais perigosa do que aparenta, pois, “o orgulho incitaria uma grave desordem, e por isso mesmo é percebido como algo extremamente nocivo e que deve ser combatido, pois a ideia de hierarquia é fundamental na estrutura da sociedade medieval [...]” (FERRREIRA, 2012, p.58-59). Eva, novamente, mostra o caráter didático da sua queda.

Outra figura elencada por Duby que aborda essa temáticaé Venerável Beda. O monge inglês que viveu entre os séculos VII e VIII, apresenta uma leitura complementar a feita por Santo Agostinho no século IV. Beda também associa a ação de Eva a um pecado, a fraqueza frente a luxúria:

A serpente, diz Beda, o venerável, enganou a mulher e não o homem, “pois nossa razão não pode ser reduzida se não há prazer e prazer carnal.” *Cupiditas* tornou-se *delectatiocarnalis*, gozo, denunciado como feminino e culpado ao mesmo tempo. O pecado opera em três tempos: “A serpente aconselha o prazer, a sensualidade do corpo animal [o feminino que existe em nós] obedece, a razão consente”. E é a mulher que colhe a maçã, que a oferece ao homem “por que depois do prazer da concupiscência *carnal*, a razão é levada a pecar” (DUBY, 2001, p.55).

A digressão feita por Beda tem uma única funcionalidade: tomar novamente o corpo da mulher como suscetível a todas as tentações. Só que ao invés de orgulho, a Idade Média conferiu à mulher a luxúria. “O pecado original, fonte da desgraça humana, que figura no *Gênesis* como um pecado de orgulho e um desafio do homem lançado contra Deus, torna-se na Idade Média um pecado sexual” (LE GOFF; TRUONG, 2006, p.11). Essa mudança na interpretação do *Gênesis* ocorre, de acordo com Ferreira (2012, p. 59-60), pois sendo o orgulho um pecado importante para o ideário cristão por estar associado a razão, ele é substituído nessa narrativa pela

luxúria, um pecado inferior, relacionado à carne. Portanto, essa transmutação da leitura bíblica tem a função de apresentar como a luxúria corrompeu a essência feminina, tornou Eva uma pecadora pela carne. Uma vez que não seria cabível mostrar o problema da mordida como uma falha com base no orgulho, a mulher não teria capacidade de racionalizar suas ações dessa forma, sendo mais suscetível a tentações físicas.

No final das contas, os padres valiam-se das palavras de Eva, de seus gestos, da sentença que a condenou, para transferir o peso do pecado ao feminino a fim de retirar sua carga aos homens. O que os leva naturalmente a denunciar com vigor os defeitos das mulheres. Bastava-lhes lançar os olhos sobre a sociedade de corte para reconhecer no comportamento das esposas as três faltas cometidas pela “associada” de Adão sob as ramagens da macieira, e que provocaram a queda. Como Eva, atormenta-as o desejo de sujeitar o homem. Como Eva, são arrebatadas por seu gosto pelo prazer sexual (DUBY, 2001, p.67).

As variações da narrativa do *Gênesis*, implicam nesse rechaço com que a mulher foi vista por um longo período, que ultrapassa a Idade Média. Delumeau(2009)condensa o posicionamento das instituições ressaltando o discurso de banalização da mulher na representação das narrativas teológicas, médicas e jurídicas. Por isso, Eva “[...] é a personagem inconsequente, irresponsável, que não se preocupa com as implicações de seus atos sobre os demais” (FERREIRA, 2012, p.60).Em sua figuração perpassa um egoísmo, ao mesmo tempo, um anseio por controle, uma forma crua de um modelo feminino contrário ao pregado. Por isso, Eliane Ventrone (2005, p. 196) conclui que essas atitudes se mostram como um anti-feminismo que tinha como objetivo afastar dos clérigos as mulheres, institucionalizar o casamento e a moral cristã através do modelo feminino construído em cima do ideal da própria Virgem Maria.Assim, “a mulher não será, portanto, mais o instrumento material através do qual se exerce a tentação de Satanás: a Virgem resgatou o pecado original de Eva, a primeira tentadora e a mulher já não é considerada perigosa como tal” (PILOSU, 1995, p. 32).

Essa construção da imagem de Eva avançou pelos séculos, alcançando os escritos de Aretino. O escritor italiano não compara textualmente Eva a Nanna, mas é suposto afirmar que o contexto de tensão que ele vivia com a Cúria romana, depois do episódio do *I modi*<sup>3</sup>. Em um primeiro momento, talvez pareça que a personagem de

---

<sup>3</sup> Em 1525, Pietro Aretino se envolve no escândalo sobre os *I modi*, um conjunto de dezesseis gravuras eróticas feitas por Marcantonio Raimondi, a partir de desenhos de Giulio Romano. As gravuras foram banidas pelo Papa Clemente VII e Raimondi preso. Aretino ajudou a obter a liberdade do artista e

Nannacompartilha com Eva o caminho do pecado. Contudo, o percurso que o escritor escolhe para sua protagonista talvez não seja o mesmo que foi posto a Eva, uma vez que a pecadora bíblica se mantém como parte do alicerce para a construção de todoummito. Nanna, no entanto, enaltece o caminho dos prazeres e esse lhe parece ser o mais valoroso dos caminhos. A prostituta seria a “[...] personagem fundamental para o exame do papel das mulheres, do poder supostamente excessivo de algumas mulheres politicamente ativas e da comercialização dos relacionamentos sociais (HUNT, 1999, p.42). Portanto, o *Ragionamento* de Aretino se alonga nesse debate em que as atitudes femininas são postas em destaque.

Mesmo havendo uma certa diferenciação entre a freira, a esposa e a prostituta, a problemática que o autor constrói para delinear suas personagens parece partir desses modelos impostos às mulheres de acordo com preceitos bíblicos. Então, a personagem acaba por se transformar ao longo da narrativa, sem esquecer sua natureza sexual, confrontando o estigma em que “o feminino só era aceitável enquanto mãe e esposa, do contrário era identificado com sexo e pecado (QUALLS-CORBETT, 1990, p.126). Nanna não é Eva, não é a Virgem Maria, muito menos Maria Madalena, mas uma combinação bem articulada dessas figuras que tornam a personagem uma anti-heroína, indo de encontro a esses modelos, se esgueirando por entre elas sem se fixar numa única imagem.

### **A formação da narrativa feminina em *Ragionamento***

De todas as personagens femininas nominadas na narrativa bíblica, Eva, Maria Madalena e a Virgem Maria são figuras-chave. Durante o Renascimento, Aretino também somou à sua narrativa uma figura feminina que perfilava por entre as três notáveis. Nanna foi freira, esposa e prostituta, só que nunca conseguiu nem chegar perto de uma conduta espelhada na santidade. Mesmo assim, essa concepção dos modelos a serem seguidos, ou não, estão contidos ao longo do *Ragionamento*.

Eva possui o estigma do trauma, da falha, do pecado que não só a expulsou do paraíso, mas condenou a humanidade. Porém, mesmo após toda essa desordem, foi justamente Eva que povoou a Terra, de certa forma ela se redimiou, agora seu papel

---

expressou sua indignação ao escrever um conjunto de poemas, os *Sonetti Lussuriosi*, representando as gravuras textualmente. Essa situação compromete sua sólida relação com Clemente, tendo sua ruptura definitiva com a tentativa de assassinato sofrida pelo escritor no mesmo ano. Especulasse que o autor teria sido o datário do Papa, Giovan Matteo Giberti (WADDINGTON, 2004).

era o da mãe e esposa. Contudo, essa expiação não seria o suficiente para humanidade esquecer o primeiro erro, por isso era necessário apresentar um modelo de mãe sem defeito. Ao se opor a Eva, a Virgem Maria se torna o exemplo máximo a ser seguido: mãe dedicada e mulher casta.

De fato, a figura da mãe de Jesus recebe uma visibilidade maior a partir do século XI e na península ibérica ganha bastante popularidade. Maria é apresentada, geralmente, como advogada da humanidade, intercessora dos pecadores junto ao Seu Filho. Maria é um exemplo de abnegação, de aceitação da palavra divina sem impor restrições, sem hesitações. Deste modo, Maria demonstra ser uma figura essencial para a divulgação de virtudes que recebem cada vez uma maior atenção da Igreja, como a castidade e a obediência. Maria é o modelo de mãe, que concebe imaculada, que sofre por seu Filho, acompanhando-o até o fim, mas de forma discreta, sem expor seu sofrimento (FERRREIRA, 2012, p.67-68).

Além de pensar a castidade e a obediência, o culto mariano também se dedicou a disseminar os valores da maternidade. Segundo Eliane Ventorim (2005, p. 196), avirgindade e a maternidade estariam associadas ao ideal que santificou a Imaculada Conceição<sup>4</sup>, que concebeu e foi concebida sem pecado. Mesmo assim, o culto mariano não parecia suficiente para garantir uma padronização de conduta, pois, ao exaltar a figura da Virgem Maria, a sexualidade foi desvalorizada em consequência (DELUMEAU, 2009, p.475). Nesse sentido, o problema estaria contido ao caro momento da concepção, pois o discurso sobre o ato sexual vinha acompanhado de uma renúncia e, ao mesmo tempo, de uma orientação: a procriação.

Mas, a advertência também não foi suficiente para fazer com que se controlasse os impulsos carnis, assim a luxúria se atrela ao cotidiano, Aretino, frequentemente apresenta as mulheres como passíveis das tentações e imperfeitas, pecadoras como Eva, nenhum pouco santa como Maria. Para Nanna, a luxúria não deveria fazer parte da postura de uma “boa puta” e como desejosa que esse seja o futuro de sua filha diz: “Juro pela boa sorte que busco para minha Pippa, que a luxúria é o último dos comichões que ela pode sentir, porque não param de pensar em como fazer para arrancar o coração e as demais vísceras dos outros” (ARETINO, 2006, p.118).

Aretino não nos dá indícios sobre a existência de um modelo de santidade a ser seguido. Assim, podemos pensar como essas pecadoras poderiam encontrar o

---

<sup>4</sup> Foi somente em 1854 que o dogma da Imaculada Conceição foi definido pelo Papa Pio IX na bula papal *Ineffabilis Deus*. Contudo, as origens da Festa da Imaculada Conceição datam de 28 de fevereiro de 1477, quando foi inscrita no calendário litúrgico pelo Papa Sisto IV, já instaurando o dia 8 de dezembro como dia de culto a Virgem.

caminho da remissão, um modelo possível de ser alcançado. A solução aparente seria apresentara fórmula da pecadora arrependida, que após suas escolhas erradas renega seu passado e renuncia todo o pecado. Essa forma acessível foi incorporada na figura de Maria Madalena. De acordo com Duby:

A morte entrou neste mundo por intermédio de uma mulher, Eva. Certamente uma outra mulher, Maria, mãe de Deus, reabriu as portas do paraíso. Ora, eis que entre essas duas mulheres, a meio caminho, posta-se Madalena, acessível, imitável, pecadora como todas as mulheres, rica, generosa, benfazeja [...] (DUBY, 1995, p.38).

Não seria a opção mais quista, contudo, permitiria que as pecadoras tivessem a esperança de serem perdoadas. De acordo com Mario Pilosu (1995, p.78), o modelo de Madalena é um convite a conversão, um exemplo máximo do arrependimento para as mulheres de “vida fácil”. Para Aretino, essa remissão se dá no ato da confissão, no momento que se verbaliza as falhas, falhas acima de tudo, femininas. Ao final do *Ragionamento*, Antonia concorda que o melhor caminho para a filha de Nanna é ser uma prostituta, e que, independentemente de suas ações, haverá aquele que contribuirá para seu perdão. Antonia sabe que caminho recorrer: “[...] com uma penitenciazinha e duas gotas de água benta sua alma será purificada de toda e qualquer putaria” (ARETINO, 2006, p.140). Essa característica entra em conflito com a vivência das personagens, pois a ideia do perdão deveria vir de um arrependimento legítimo, mas o que mostra Antonia, é que consciente da culpa se mantiveram nessa vida até o fim, pois fadadas ao pecado essas Madalenas uma hora receberão a unção e o perdão. Para Ventrone, é com a pecadora arrependida que se vê a possibilidade da conversão, a salvação para todos que deixam a vida de pecados e se mostram arrependidos (VENTORIM, 2005, p. 197).

Talvez, o que Nanna nos mostre seja que ela seria uma antítese de Maria, uma mulher que assume seus pecados e se apresenta com a crueza, e um pouco da vilania, que a existência da mulher suscitava nos livros canônicos – mas, sempre, com exceção da Virgem. Para Duby, o início do Gênesis foi examinado com tanta persistência pois era preciso “[...] auxiliar todos aqueles apóstolos que se esforçavam em ajudar as virgens a permanecer puras, as viúvas a permanecer castas, as damas a cumprir bem sua função de esposa” (DUBY, 1995, p.219). Se os evangelizadores buscavam no Gênesis os ensinamentos para a pregação, Aretino subvertia esses padrões mostrando

em Nannaum outro caminho, que age no pecado, independentemente da situação que as mulheres se encontram.

Por isso, a Virgem Maria é “[...] uma espécie de anti-Eva, seres que não realizam a totalidade de sua vocação feminina e são situadas acima ou ao menos fora de seu sexo” (DELUMEAU, 2009, p.516). No caso do *Ragionamento*, Nanna vai na contramão da Virgem, é anti-Maria, avessa a qualquer tipo de submissão e doação, não se redime nem se arrepende, sua vocação está justamente atrelada às práticas sexuais. Assim como na descrição do Gênesis, discutida por Santo Agostinho e Venerável Beda, a mulher pecaria por diferentes razões, mas ao final, sua ação estaria justificada a partir da vocação que Eva teve em pecar. Para Aretino, existe uma certa consciência das suas personagens que adotam uma postura responsável de seus próprios pecados, além de se mostrarem conhecedoras dos dogmas, assumindo a posição de transgredi-los sem serem induzidas.

Mesmo no espaço do convento a luxúria era o que movia todos os monges e monjas. Já nos seus relatos sobre a prostituição, Nanna brada todos os pecados que recaem as “putas”: “Certo, eu era bem assim [...]. Morro de rir só de pensar no pregador que instituiu apenas sete pecados capitais, para todo o universo, ao passo que a mais coitadinha das putas sozinha possui uma centena” (ARETINO, 2006, p. 117). Ela fala das outras como fala de si, rechaça qualquer experiência que pode torna-la santa “[...] enquanto fui puta, vivi como puta, não deixei de fazer nada que uma puta devesse fazer, porque eu não teria sido puta se não tivesse as vontades das putas” (ARETINO, 2006, p. 122). Essa fala se confunde entre uma ação e uma reação, ação da protagonista de tomar as rédeas de seu caminho, mesmo depois de experienciar uma vida que, em teoria, seria santificada como freira. No entanto, por trás da voz de Nanna quem dita as palavras é Aretino, um homem no século XVI. E, é nesse período que encontramos também a repressão mais acirrada ao feminino:

Ao longo da época do Renascimento e da Reforma, a repressão da natureza feminina tornou-se mais severa. Os atributos positivos da deusa foram espiritualizados e harmonizados aos da santa Virgem. Grandes catedrais, cuja imensa altura guiava os olhos ao céu, foram erguidas em nome dela. Tais atitudes eram compensadas por atitudes negativas em relação à mulher mundana, a qual era encarada como destrutiva, portadora de pacto com o demônio, ou declarada bruxa (QUALS-CORBETT, 1990, p.61).

Rejeitada por se corromper facilmente, a mulher é “[...] aprisionada pela lógica de um ideal cultural que, internalizado, coloca-a sempre já num estado de fraqueza,

falta, culpa, inadequação, vulnerabilidade” (BLOCH, 1995, p. 113). Essa lógica surge com frequência em oposição ao modelo de mulher inabalável, sem pecados, certa do seu espaçosubserviente e de sua função. Só essa mulher tinha lugar por entre os cultos, só ela era modelo de beleza e virtuosidade. Segundo Ferreira, não seria suficiente conter os impulsos próprios do corpo “[...]para a Igreja o âmbito mais importante é sem dúvida o espiritual, e, portanto, os pensamentos devem ser domesticados. A castidade é mais que a pureza do corpo, é sim manter a alma livre de máculas”(FERREIRA, 2012, p. 104). É fundamental salvar corpo e alma. No caso das prostitutas, entre elas Nanna, mesmo sendo amparadas pela resignificação na atuação do papel de Madalena feito pela Igreja, elas não alcançaram a dimensão da remissão. Elas se manteriam fiéis de corpo e alma pelas falhas (FERREIRA, 2012, p. 107). Ao observar essa dimensão da prostituição a Igreja se colocava em um impasse: era preciso convertê-las, mas também se sabia que a existência dessas mulheres era um mal necessário dentro do contexto cristão. De acordo com Jacques Rossiaud,

Após o estabelecimento da casa, oficiais e notáveis nunca conseguem conter a fornicção no gueto municipal nem fazer respeitar as proibições, que, no entanto, são sempre renovadas. Até o princípio do século XVI as tentativas repressoras são raras, efêmeras e ineficazes. Prostitutas públicas e mulheres secretas infiltram-se em todos os lugares e se instalam tanto em bairros luxuosos quanto na periferia (ROSSIAUD, 1991, p.23).

Essa efervescência das prostitutas pela cidade é uma característica notada na terceira jornada do *Ragionamento*. Nanna é descrita como uma prostituta ardilosa e seus relatos são espirituosos, como quando diz: “fui uma delicadeza de puta, e não menos agradável que a que fiz a um negociante de açúcar; esse deixou até suas caixas, em troca de uma mercadoria mais doce que o açúcar [...]” (ARETINO, 2006, p. 136). Nessa parte, Nanna conta somente suas experiências pessoais, não mistura com história de outras mulheres como fez no decorrer da obra. Tanto que Antonia admira o “seu estoque [...] bem sortido” (ARETINO, 2006, p. 126), até “um velho babão, enrugado, amarelado, alto e magro, ficou louco por mim e eu, por sua bolsa” (ARETINO, 2006, p. 126). A relação que Nanna estabelece com seus clientes não é sempre de troca. A narrativa aponta para uma personagem ambiciosa, que busca tirar vantagem da sua posição, e isso não significa sempre chegar as vias de fato e nem se deixar ser passada para trás, a lei da oferta e procura não se emprega aqui. Assim, a realidade da prostituição é um fenômeno presente neste contexto cristão,



Ao aceitar a doação da prostituta, a Igreja reconhecia que esta agia por necessidade. Esta trabalhadora fazia parte do grupo dos pobres; ela não era – vítima da miséria e da debilidade humanas – testemunha exemplar? Já há muito tempo, o calendário enriquecera com a menção edificante de antigas prostitutas - Santa Pelágia, Santa Maria Egípcíaca, Santa Afra, etc. - que, seguindo o exemplo de Maria Madalena, tinham salvo a sua alma pelo arrependimento (ROSSIAUD, 1991, p.81).

A prostituição era uma possibilidade para um estrato desfavorecido economicamente, as mulheres se sujeitavam a essa atividade devido a pobreza que se encontravam, um pouco diferente do que Nannanos mostra. De modo mais específico, Richards (1993) levanta alguns dados sobre as prostitutas de Dijon, na França, no século XV, no entanto, a quantidade é imprecisa, mas ainda relevante para mapear a situação. Cerca de quatro em cada cinco prostitutas pertenciam aos estratos mais baixos da sociedade, “um quarto delas havia sido colocado na prostituição pela família ou havia entrado nela para fugir a uma situação familiar intolerável. Apenas 15% das prostitutas haviam abraçado a profissão por livre e espontânea vontade” (RICHARDS, 1993, p. 121). A prostituição, muitas vezes, também era justificada em nome da proteção da honra de jovens mulheres. Pois,

[...] a prostituição era vista como um meio prático de permitir que os jovens de todas as classes afirmassem sua masculinidade e aliviassem suas necessidades sexuais, enquanto evitava, ao mesmo tempo, que se aproximassem de esposas e filhas respeitáveis, desestimulando-os dos estupros em gangue e desencorajando-os em relação à homossexualidade (RICHARDS, 1993, p. 122).

Assim, as regras para a conduta normativa extrapolavam a mulher-prostituta, sua função era definida a fim de garantir a saúde pública, ordem e fortalecimento social e a moralidade pública (MATTHEWS-GRIECO, 2008, p. 262-264). Mas, se por um lado as prostitutas eram usadas para proteger as mulheres de bem e garantir a não explosão carnal dos homens, por outro, quem protegeria os celibatários dos impulsos sexuais? A luxúria dentro dos mosteiros é retratada na primeira parte do *Ragionamento*, quando do momento da entrada de Nannano no convento, em que a personagem vê entrar na clausura “[...] um bando de frades e de padres [...]; cada qual tomou pela mão sua amiga [...], e lhes davam os beijinhos mais doces do mundo, e se esforçavam para que fossem os mais melados possíveis” (ARETINO, 2006, p. 17). Esse primeiro encontro de Nanna representa bem o que está por vir, uma vez que existe a viabilidade do relacionamento carnal entre os frades e as freiras ao longo da narrativa, além de outros celibatários que circulam e possuem uma vida sexual ativa nesse espaço. Segundo Rossiaud:

Simultaneamente, no próprio seio da Igreja, vozes cada vez mais numerosas elevavam-se a favor do casamento dos sacerdotes, que não eram considerados capazes de respeitar o voto de continência. A hierarquia resistiu, mas sem ignorar os riscos do celibato e condenando ao mesmo tempo casamento, concubinato e atos contra a natureza, admitiu implicitamente que a fornicação dos clérigos com prostitutas públicas representava um mal menor para a disciplina eclesiástica (ROSSIAUD, 1991, p. 91).

Mesmo sendo vistas com um mal necessário, as prostitutas não escapavam do desprezo. Essa hostilidade que se estende contra toda a mulher, se enquadra em um contexto que, no cerne da Igreja, a considera uma figura maléfica, lembrando a posição de Eva, e até mesmo para consolidar o controle dos religiosos frente a tentação. Segundo Bloch,

A ideia da mulher como simultaneamente sedutora e redentora não é, portanto, nenhuma contradição, mas uma arma ideológica poderosa pela qual as mulheres, juntamente com os haveres pertencentes a elas, saíram da posse das famílias e foram alocados na Igreja (BLOCH, 1995, p. 113-114).

Mas, não só a Igreja detinha essa posse, Delumeau mesmo encontra na cultura popular mecanismos de depreciação, e, de certo modo, de domínio. Para tanto, retorna ao uso de provérbios, na “[...] insistência da literatura dos séculos XIII-XV, na França por exemplo, em sublinhar os defeitos femininos e vilipendiar o casamento (DELUMEAU, 2009, p.507), e difamar a imagem da mulher. A aversão que esses textos demonstram reafirma o caráter misógino com que as mulheres foram tratadas.

Embora a misoginia fosse, como se sabe, predominante, e através dela qualquer mulher seria condenada, independentemente de seu status. Em *Losomni*, de Bernat Metge, o velho Tiresias confessa que as mulheres são animais imperfeitos, atormentados por paixões abomináveis, que só amam seus corpos e seus prazeres, atentos a uma estética pomposa, cujo único propósito é ser contemplada por homens com desejo bestializante, para adulá-las e olhar seus seios (CUADRADA, 2015, p. 348, tradução nossa).

Esse exemplo apresentado por Coral Cuadrada diz respeito ao tratamento dado ao feminino. Há, de certa maneira, uma certa semelhança entre os escritos de Aretino e a análise dos provérbios feita por Delumeau. Além de ser um pouco controverso, a escrita de Aretino mostra ambivalente ao eleger a mulher como força motriz da sua obra, ao passo que imputa alguns valores de maneira genérica a elas. Essa fórmula aparece com mais frequência no final da obra, quando Nanna fala mais de si mesmo, quando diz que “[...] os vícios das putas são como virtudes” (ARETINO,

2006, p.140). Mas, esse modelo de escrita é usada pelo autor em outros momentos da obra, quando Antonia indica que “[...] todas as boas freirinhas seja, como dinheiro, o juízo e a fé: se for pouco, não serve [...]” (ARETINO, 2006, p. 91). Nanna responde acrescentando ainda mais escárnio: “Afirmo que é graças às orações destas que as más religiosas não são engolidas de roupas e sapatos pelo Demônio; o perfume da virgindade das primeiras é tão intenso quanto o fedor da putaria das demais [...]” (ARETINO, 2006, p. 91).

Ao atribuir esse caráter de sexualidade exacerbada tanto às freiras, às esposas e às prostitutas, Aretino causa certa estranheza por fazer isso através de uma protagonista feminina. Essa percepção tida pelo escritor emerge em vários pontos de sua obra, a sua escrita satírica e ácida toma em seu texto uma forma que pode ser considerada misógina. “De qualquer modo, é certo que as coletâneas de provérbios, ainda uma vez graças à imprensa, multiplicam-se na época na Renascença. E elas também, na maioria das vezes, falam mal da mulher” (DELUMEAU, 2009, p.512).

Delumeau apresenta um conjunto de provérbios retirados do *Livre des proverbes français*, de Le Roux de Lincy: “Beleza de mulher não enriquece homem; Bela mulher, má cabeça. Boa mula, má besta; [...] Mulheres são anjos na Igreja, diabos em casa e macacos na cama” (DELUMEAU, 2009, p. 513). São provérbios que compilam em seus versos outras temáticas de incitação ao ódio das mulheres. Mas não eram só escritos provérbios com esse o intuito de detratar o feminino. Entre os séculos XV e XVII, de cada dez provérbios, três não possuíam essa opulenta agressividade (DELUMEAU, 2009, p.512).

Já Aretino parece seguir essa lógica mais violenta contra as mulheres, ao pensar o modo que o autor inseriu essas questões na voz de Nanna. A personagem faz essas advertências, sobretudo, enquanto prostituta: “porque uma puta adquire uma enorme fama quando pode ser orgulhar de haver desesperado, arruinado ou enlouquecido um homem” (ARETINO, 2006, p.110). Em outra passagem ela admite que “[...] o coração de uma puta só ama o dinheiro, e não conhece nem obrigação nem desobrigação [...]” (ARETINO, 2006, p. 104). Para Delumeau (2009, p. 513), os defeitos femininos, apresentados nessas coletâneas, seriam justificativas para determinadas advertências.

Ao presumir que os escritos de Aretino são parte dessa herança dos provérbios do século XIII, é preciso observar que sua obra possui traços da misoginia característica dessa tradição. O desprezo e agressão ao feminino, principalmente

quando Nanna se põe a falar das prostitutas com maior propriedade, são latentes desta posição. Contudo, Aretino é um crítico da estrutura eclesiástica e da moralidade pudica, Nanna não é uma retratação misógina somente, é uma personagem que alcança a plenitude de suas escolhas, sendo compensada pela riqueza acumulada e certeza quanto ao futuro de sua filha na prostituição. Esse duplo caminho dá indícios da ambiguidade que o autor emprega em seu texto. Em uma sequência um pouco exaltada, Nanna concluída a sua digressão expondo o resultado de sua vida dedicada a prostituição:

Putas não são mulheres; putas são putas. E pensa e faz o que fez e disse. Mas onde coloco nossa sabedoria que diz que a formiga deve armazenar no verão para o inverno? Antonia, minha querida irmã, você deve saber que uma puta sempre tem um agulhão no coração que a deixa descontente: o temor da decadência que você sabiamente descreveu e confesso que para cada Nanna que consegue ser bem sucedida, há mil que morrem comidas pelas doenças (ARETINO, 2006, p. 121).

Esse olhar questiona a ambição que tornaria as mulheres prostitutas. Convém dizer que Aretino apresenta uma espécie de lição de moral, um aviso para não se esperar uma vida de luxos através desse caminho, mesmo que Nanna seja descrita como uma mulher de posses. Parece uma tentativa de relegar à mulher, não só a um status mais baixo, mas ofender qualquer tipo de iniciativa por parte dela. A prostituição se aproximou aqui de uma alegoria, ao tratar da emancipação feminina numa sociedade renascentista em ebulição. Mas, é preciso ter claro que para os homens “sua simples existência era advertência para os desejos físicos, aos quais era necessário resistir mediante o medo da punição eterna” (QUALLS-CORBETT, 1990, p.55). Então, tudo o que se fez foi justificado para conter o ímpeto feminino, o ímpeto de pecar e nesse trajeto, arrastar o homem para o caminho da danação.

### **Considerações finais**

A cultura cristã, desde os seus primórdios, tinha uma relação conflitante quanto o papel da mulher. A tentação e a redenção correram ao lado do feminino, assim Eva nunca foi um modelo a ser seguido, as instituições cristãs pintaram sua face ao lado do pecado, ao lado de toda falha possível e imaginável. Maria, ao contrário, foi exemplo, foi munida de santidade, concebeu virgem a Cristo Jesus. Haveria alguém que não gostaria de seguir o exemplo da santa? Eva é o ímpeto, Maria a mansidão, ambas sem voz própria, construídas por aqueles que julgavam saber

exatamente como deveria agir uma mulher. Da mesma maneira foi Madalena, um meio termo criado para mostrar que nem tudo estava perdido, a pecadora arrependida tinha seu lugar no céu.

A mulher tornou-se o ser marginal, a vítima e causadora da tentação. Assim, a inserção de modelos femininos bíblicos se mostrou uma tentativa didática de manter as mulheres longe do pecado, sobretudo o da carne. Contudo, ao invés de ser um emprego instrutivo dos modelos cristãos, se tornou um mecanismo que as afasta, tanto quanto as estigmatizam, a prostituta segue como aquela que deve ser resgatada, mas também é o mal necessário que se faz presente no cotidiano cristão a fim de conter a masculinidade exacerbada.

São situações heterogêneas, que vistas ao longo do *Ragionamento* mostram como Aretino teve diferentes inspirações. Sua postura em inserir uma personagem feminina como protagonista apresenta uma forma dúbia de encarar os fatos, Nanna é independente e ativa. A maioria das figuras femininas na obra, são mulheres que se rendem aos seus desejos cometendo atos impulsivos e por fim vivendo plenamente. Tais ações, narradas por um homem, que tem uma aproximação ambígua com os escritos cristãos e misóginos, deixam a personagem em uma espécie de limbo. Nanna é uma anti-heroína desbocada, uma mulher desajustada na sociedade e no tempo, que viola qualquer modelo imposto.

Assim, a ambiguidade que Aretino imprime em seu texto borra a fronteira entre a misoginia satírica e a representação feminina. O protagonismo de Nanna e das demais personagens do *Ragionamento* não servem só como divertimento, também não fazem parte somente da retórica bíblica que acompanha a trajetória dessas mulheres. As personalidades das mulheres de *Ragionamento* são acrescidas de uma similitude que se choca, mas, ao mesmo tempo, é combativa à imagem da Virgem. A anti-Maria encontra na prostituição uma realidade autêntica e autônoma em que as ações de Nanna se tornam virtudes e, longe do convento e da vida de esposa, sua verdade é aceita. Desta maneira, a construção misógina que o discurso, seja ele cristão ou não, obteve ao longo da Idade Média não é suficiente para caracterizar a obra de Aretino. A complexa criação das personagens apresenta uma relação ambígua da sexualidade feminina que extrapola as imagens pré-definidas de Eva, Maria e Madalena, construindo uma protagonista que aflora sentimentos que não são baseadas somente no ódio, mas também não representam uma total quebra de paradigmas em relação aos dogmas cristãos.



## REFERÊNCIAS

### *Fontes*

ARETINO, Pietro. **La Prima Parte De Ragionamenti** Di M. Pietro Aretino. Biblioteca Nacional da Áustria. 1584. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=5uFfAAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=5uFfAAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)> Acesso em: 4 mai. 2019.

\_\_\_\_\_. **Pornólogos I**. Tertúlia entre Nanna e Antonia transcorrida em Roma sob uma figueira composta pelo Capricho do Divino Aretino sobre os Três Estados da Mulher. São Paulo: Degustar, 2006.

### *Bibliografia*

**BÍBLIA DE JERUSALÉM**. São Paulo: Paulus, 2002.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**: Fatos e Mitos. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BLOCH, Howard, R. **Misoginia Medieval e a invenção do amor romântico ocidental**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CONWAY, Jill; BOURQUE, Susan; SCOTT, Joan. El concepto de género. In: LAMAS, Marta (Comp.). **El género**: la construcción cultural de la diferencia sexual. México: UNAM-PUEG, 2013, p.21-34.

CUADRADA, Coral. Historias de silencios: las palabras de las putas (siglos XV-XVI). **Clio & Crimen**, nº 12 (2015), p. 323-364.

DELUMEAU, Jean. Os agentes de Satã: A mulher. In: **História do Medo no Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DUBY, Georges. **Eva e os padres**: damas do século XII. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. **Heloísa, Isolda e outras damas no século XII**: uma investigação. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

FERREIRA, Leticia Schneider. Entre Eva e Maria: a construção do feminino e do pecado da luxúria no Livro de Confesiones de Martin Perez. **Tese de Doutorado em História**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2012.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.



HUNT, Lynn. **A invenção da pornografia**. 1.ed. São Paulo: Hedra, 1999.

LAQUEUR, Thomas. **La construcción del sexo: Cuerpo y género desde los griegos hasta Freud**. Madrid: Edición Cátedra, 1994.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na idade média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MATTHEWS-GRIECO, Sara. Corpo e sexualidade na Europa do antigo Regime. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Org.). **História do corpo: da Renascença às Luzes**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 217-301.

NETO, Regina Célia dos Santos. **Visões do feminino: A criação de Eva nos mosteiros da Coimbra medieval (séculos XII-XIII)**. São Paulo: USP, 2007.

**Dissertação**(Mestrado em História). Programa de Pós Graduação em História Social, Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: EDUSC, 2005.

PILOSU, Mario. **A mulher, a luxúria e a Igreja na Idade Média**. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

QUALLS-CORBETT, Nancy. **A prostituta sagrada: a face eterna do feminino**. São Paulo: PAULUS, 1990.

RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. In: SILVA, Zélia L. (org.) - **Cultura Histórica em Debate**. São Paulo: UNESP, 1995.

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação: As minorias na Idade Média**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

ROSSIAUD, Jacques. **A prostituição na Idade Média**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

SALISBURY, Joyce. **Pais da Igreja, Virgens Independentes**. Brasília: Scritta, 1995.

VENTORIM, Eliane. Misoginia e Santidade na Baixa Idade Média: os três modelos femininos no Livro das Maravilhas (1289) de Ramon Llull. **Mirabilia: Revista Eletrônica de História Antiga e Medieval**. Jun-Dez 2005, p.193-211.

WADDINGTON, Raymond. **Aretino's Satyr: Sexuality, Satire, and Self-Projection in Sixteenth-Century Literature and Art**. Toronto, University of Toronto Press, 2004.

Recebido em: 27/05/2019

Aceito em: 02/07/2020